

| | |
|---|----|
| Massacres não podem continuar impunes | 01 |
| Ato em solidariedade aos mineiros mexicanos em SP | 02 |
| Na Alemanha, empresas contratam temporários | 02 |
| O Fórum Social Mundial 2011 em Dacar: um balanço | 03 |
| FSM Dacar: entre a necessidade e a realidade | 04 |

INTERNACIONAL

Massacres não podem continuar impunes

Em carta a Dilma, CUT manifesta solidariedade à luta do povo líbio e condena repressão aos protestos



Leia abaixo a carta enviada pela CUT à presidenta Dilma Rouseff

A **Central Única dos Trabalhadores – CUT Brasil** repudia a violência utilizada pelo governo da Líbia para reprimir os protestos nos últimos dias, onde pelo menos 300 manifestantes foram mortos e o número de feridos graves alcança proporções alarmantes.

A violência sem precedentes que as autoridades responderam às manifestações civis, que reivindicam legitimamente seus direitos fundamentais à liberdade de expressão e de manifestação, está mergulhando o país numa carnificina. O coronel Kadhafi deve parar imediatamente a repressão brutal e deve fazer tudo o que for necessário para que os massacres não permaneçam impunes.

Na manhã dessa segunda-feira, os trabalhadores e trabalhadoras da produção de petróleo em Nafoura entraram em greve em solidariedade com os/as manifestantes e também fizeram manifestações de solidariedade no Cairo e em Tunes. Da mesma forma, a CUT Brasil expressa sua total solidariedade com a população civil da Líbia, condenando a forte violência utilizada.

Devido a todos os fatos descritos acima, solicitamos ao governo brasileiro pressionar contra a tirania do coronel Khadafi, no poder há 42 anos, para que cessem de imediato estas atrocidades. Reiteramos a nossa solicitação para que o governo brasileiro possa intervir neste conflito para garantir que as autoridades líbias evitem o agravamento do uso do recurso da violência contra seu próprio povo e ponha fim ao derramamento de sangue.

Certos de contar com a Vossa colaboração e de que nossas considerações e solicitações serão objeto da análise que merecem.

João Antonio, secretário de Relações Internacionais da CUT

Ato em solidariedade aos mineiros mexicanos em SP

No dia 19 de fevereiro de 2006 uma tragédia vitimou 65 trabalhadores numa mina de carvão conhecida como Pasta de Conchos, em San Juan de Sabinas, estado de Coahuila, próximo à fronteira com os Estados Unidos.

A tragédia foi provocada por falhas no sistema de ventilação da mina, administrada pelo Grupo México, uma das empresas mais poderosas do país. O descaso com os dispositivos de segurança facilitou a concentração de gases inflamáveis, que se formam naturalmente durante a extração do carvão. Então veio a explosão.

O desmoronamento aconteceu em 2006, mas os cadáveres de 63 dos 65 mineiros mortos continuam soterrados na mina. As equipes de busca desistiram de resgatar os trabalhadores assim que especialistas comprovaram que a intensidade da explosão e o calor provocado pela combustão dos gases no interior da mina, bem como as toxinas liberadas no processo, não teriam deixado sobreviventes. Isso apenas uma semana depois do acidente.

Para recordar a tragédia, as federações internacionais (FITIM, ICEM, ISP, UNI, ITF e FIT), as centrais sindicais brasileiras (CUT, Força Sindical e UGT), a Confederação Nacional dos Metalúrgicos (CNM/CUT) e a Confederação Sindical de Trabalhadores/as das Américas (CSA) realizaram um protesto em frente ao Consulado Geral do México nesta terça-feira (15), em São Paulo.

Foi entregue ao cônsul José Gerardo Traslosheros Hernández uma carta de repúdio à postura do governo mexicano em relação ao desastre de Pasta de Conchos e à falta de liberdade sindical no país, que é grave. Na semana entre os dias 14 e 19 de fevereiro, a solidariedade internacional com os trabalhadores mexicanos irá exigir que o governo Felipe Calderón:

- 1) Tome as medidas necessárias para que os envolvidos na tragédia de Pasta de Conchos assumam suas responsabilidades pelas 65 mortes e pelos corpos insepultos;
- 2) Respeite a convenção nº 87 da OIT que garante aos trabalhadores liberdade sindical;
- 3) Pare de reprimir, pelo uso da força e da justiça, as demandas dos trabalhadores por melhores salários e condições de trabalho; e
- 4) Dê um basta na perseguição dos sindicatos, sobretudo o Sindicato dos Mineiros e o Sindicato dos Eletricistas.

Na Alemanha,

Empresas insistem em contratar temporários

Apesar do bom momento, empresas continuam a contratar temporários, contribuindo assim para a manutenção do trabalho precário

O **Sindicato Alemão IG Metall** lamenta que o governo alemão não tome providências contra a contratação de mão de obra temporária e o avanço na situação do trabalho precário, que não foi diminuído pelos empregadores.

Segundo a entidade, a qualificação dos trabalhadores alemães é a vantagem do país em relação a outras nações. Mas a precarização não tem sido observada pelo governo e pode diminuir a competitividade da Alemanha na próxima década.

Uma reforma na estrutura do mercado de trabalho é necessária. Por isso, o **IG Metall** chama os trabalhadores para **um dia de ação na próxima quinta-feira (24) em todo o país**. O ato vai demonstrar que é preciso um equilíbrio entre os salários dos trabalhadores com contratos regulares e temporários e também um protesto por conta da proibição de sincronização.

Segundo uma pesquisa feita pelo IG Metall, dois terços dos empregadores fazem contratos temporários. Dos 83% dos empregadores que precisam de mais trabalhadores, somente um entre cinco faz contratos regulares.

“Em vez de realizar as promessas de diminuir os contratos por tempo determinado, os empregadores aumentaram ainda o trabalho precário”, comenta o segundo o vice-presidente do IG Metall, Detlef Wetzel.

Uma pesquisa de fevereiro de 2011 foi feita com 4.937 direções de conselho de empresas, das quais 64,2% responderam. Destas, 80% estão a favor de equilibrar os salários entre trabalhadores temporários e regulares. (*IG Metall - tradução de Lucas Martins, CNM/CUT*)

Novo Sindicato Mundial

Avançam as negociações para a criação de um novo sindicato mundial

O grupo especial conjunto, formado pela FITIM, ICEM e FITTVC se reuniu no Japão para examinar o processo de unificação dos trabalhadores industriais do mundo em uma só federação sindical internacional



Trabalhadores metalúrgicos, químicos e do setor têxtil, reunidos em Tóquio

Quarenta e um delegados, representando a **Federação Internacional dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas (FITIM)**, a **Federação Internacional dos Sindicatos de Trabalhadores nas Indústrias Químicas (ICEM)** e a **Federação Internacional dos Trabalhadores no ramo Têxtil (FITTVC)**, se reuniram entre os dias 8 e 9 de fevereiro em Tóquio para a terceira reunião de um grupo especial criado pelos órgãos diretivos das três federações mundiais.

O grupo recebeu o mandato do Comitê Executivo da FITIM, em junho de 2010, para examinar o projeto político, as estruturas, as finanças e um possível calendário para unir 50 milhões de trabalhadores representados pelas três organizações em apenas uma federação sindical internacional.

Os membros do grupo especial de cinco continentes confirmaram as razões para criar uma só voz dos trabalhadores industriais do mundo e uma forte força de contraposição às principais empresas multinacionais. Os sindicatos desejam destacar a função da indústria manufatureira como locomotiva das economias nacionais e como criadora de empregos de qualidade com condições de trabalho decentes e respeito aos direitos sindicais.

O grupo especial tomou conhecimento dos informes dos grupos de trabalho sobre estatutos e finanças e discutiu em detalhes a adoção de decisões e as estruturas regionais e setoriais de uma possível nova federação sindical internacional. O grupo especial decidiu reunir-se novamente em 5 de maio em Frankfurt (Alemanha), para terminar uma proposta aos Comitês Executivos das três organizações.

O processo discutirá também em conferências regionais da FITIM este ano. Caso consigam chegar a um resultado aceitável para os trabalhadores metalúrgicos do mundo, o Comitê Central da FITIM, que se reunirá em 7 e 8 de dezembro pode decidir pela convocação de um Congresso extraordinário em 2012. É esperado que os órgãos correspondentes da ICEM e da FITTVC tomem decisões similares. *(FITIM, tradução de Valter Bittencourt - Imprensa CNM/CUT)*

O Fórum Social Mundial 2011 em Dacar: um balanço

Entre outros temas, o FSM 2011 discutiu a crise estrutural do capitalismo global e seus efeitos catastróficos para o meio ambiente. Essa agenda alternativa passa pela realização do Fórum Social Temático em Porto Alegre, em janeiro de 2012, que já conta com o apoio do governo do Rio Grande do Sul e das prefeituras da capital e da região metropolitana.

Eduardo Mancuso

**“Aqueles que pregavam o
“fim da história”
assistem hoje o
movimento inevitável
dessa história que
acreditavam morta. É o
que se vê na América do
Sul, na África, mas
sobretudo nas ruas de
Túnis e do Cairo e de
tantas outras cidades
africanas onde renasce a
esperança de um mundo
novo.” (Lula, 7 de
fevereiro, FSM 2011 -
Dacar)**



Assim como a alvorada do novo século surgiu em Porto Alegre (resgatando as lutas de Chiapas e Seattle) em janeiro de 2001, com o Fórum Social Mundial, a segunda década do século começa com o terremoto político e social produzido pelo levante das massas árabes por democracia, liberdade e melhores condições de vida na África do Norte e no Oriente Médio. A volta do FSM em 2011 ao continente africano, em Dacar, Senegal, reuniu mais de 50 mil ativistas de 120 países e foi do início ao fim – da Marcha de Abertura com dezenas de milhares de participantes na tarde do dia 6 de fevereiro, até a Assembléia das Assembléias encerrando as atividades no dia 11 com o relato das mais de trinta assembléias autogestionárias – uma grande celebração pela derrubada do ditador tunisiano Bem Ali, e pelo anúncio da queda do “faraó” egípcio Mubarak, aliado estratégico dos EUA e de Israel.

A convergência entre as revoluções populares na região, a dinâmica política das forças progressistas e dos movimentos sociais esteve presente desde a abertura do FSM 2011 em Dacar. Um momento emblemático ocorreu após a chegada da marcha de abertura na Universidade do Senegal (onde foi montada a Casa Brasil, espaço que permitiu intercâmbio entre a grande delegação brasileira e os demais participantes no FSM) , quando o presidente boliviano Evo Morales e o ministro Gilberto Carvalho, representante oficial da presidenta Dilma Roussef, saudaram os ativistas e movimentos presentes. Outro exemplo se deu no segundo dia, com o debate que reuniu Lula e o presidente Wade, quando as justas vaias ao dirigente senegalês que governa o país há mais de dez anos foram seguidas pela aclamação ao presidente de honra do Partido dos Trabalhadores.

Uma das principais características do FSM foi a de sempre estar marcado pela tensão política, democrática e muito produtiva, entre “a dinâmica global e a local, entre ONGs e movimentos sociais, entre institucionalização e autogestão”. Dacar 2011 mostrou a todos e todas que é exatamente essa relação dialética que pode apontar para uma estratégia comum, inovadora e potente, para enfrentarmos a crise estrutural da globalização capitalista. Como escreveu acertadamente Emir Sader: “o Fórum de Dacar foi um avanço na superação das barreiras artificiais entre forças sociais e forças políticas, entre resistência e construção de alternativas.”

Mesmo a desorganização do evento, agravada pela manutenção das aulas na Universidade (a nova direção da instituição não honrou os acordos anteriores com o comitê organizador do FSM), não impediu que centenas de redes, organizações e movimentos sociais realizassem dezenas de encontros e assembléias autogestionárias muito valiosas politicamente, no espaço do FSM ou fora, em hotéis de Dacar e até na histórica e tristemente famosa Ilha de Gorée (de onde partiram milhões de africanos escravizados para as Américas). >>>

>>> O Fórum Social Mundial 2011 em Dacar: um balanço

Da periferia de Dacar, onde o prefeito socialista de Pikine recebeu mais de 1000 autoridades locais do Senegal e de todo o mundo articulada pela Rede de Cidades de Periferias (FAL-P); ou na própria capital, onde o igualmente socialista prefeito Khalifa Sall foi o anfitrião do Fórum de Autoridades Locais pela Inclusão Social e pela Democracia Participativa, surgido junto com o primeiro FSM de Porto Alegre, que contou com a presença de prefeitos petistas e com a sempre lúcida contribuição de Boaventura de Sousa Santos (além de obrigar o presidente do país a se fazer presente na cerimônia de abertura, que já tinha confirmada a participação de ministros do governo do Brasil); e também da segunda assembléia da Plataforma Internacional de Orçamentos Participativos, que reuniu as redes africanas com as do Brasil e da Colômbia, do México, da República Dominicana, da Espanha, de Portugal e da Itália, que contabilizam atualmente 1400 processos de OP no mundo.

Outro exemplo estimulante foi a Assembléia Mundial dos Habitantes, que reuniu representantes de movimentos de 70 países, na luta contra os despejos e pela construção de políticas habitacionais dignas para a população ameaçada pela especulação imobiliária. Assim como o Seminário "A busca de paradigmas de civilização e a agenda de transformação social", organizado pelo GRAP (Grupo de Reflexão e Apoio ao Processo FSM), patrocinado pela Petrobrás, que reuniu vários integrantes do Conselho Internacional e se debruçou na sessão final sobre o "Mapa das próximas lutas: COP 17, Rio+20 e subseqüentes...". Discutiu-se a agenda dos processos em curso diante da crise sistêmica e estrutural do capitalismo global e seus efeitos catastróficos para o meio-ambiente, assim como a construção de coalizões em torno da definição de novos horizontes para a cidadania planetária em resposta às propostas da Cúpula do Rio de Janeiro marcada para maio de 2012. Essa agenda alternativa passa pela realização do Fórum Social Temático em Porto Alegre, em janeiro próximo.

O encerramento do FSM 2011 de Dacar foi marcado pela Assembléia das Assembléias celebrando a vitória popular no Egito, após a renúncia de Mubarak, confirmada durante a atividade, e permitiu às várias plenárias autogestionárias relatarem suas agendas, propostas e iniciativas. O calendário de lutas destaca as mobilizações contra o G-20 na França em maio; a data de 20 de março como dia mundial de solidariedade ao levante do povo árabe e africano; a Jornada Global sobre a Palestina também no final de março; o Fórum Social na Tunísia; as ações do movimento ambientalista em paralelo à Cúpula Rio+20; a Conferência Internacional sobre o impacto da invasão norte-americana no Iraque em outubro, entre muitas outras atividades.

O debate sobre o FSM 2013 foi aberto na reunião do Conselho Mundial que sucedeu o FSM de Dacar. Foram apresentadas as candidaturas de Montreal pelas centrais sindicais canadenses, e de Porto Alegre pelo comitê gaúcho que organizou em 2010 o FSM 10 anos Grande Porto Alegre, com forte apoio institucional (do governo do Estado do Rio Grande do Sul, da Assembléia Legislativa, da Prefeitura e da Câmara de Vereadores da capital e de prefeituras do PT da região metropolitana). Também foi apresentada proposta de realizar pela primeira vez o FSM na Europa, mas ainda sem uma cidade ou região definida. A decisão sobre 2013 ficou para ser tomada na reunião do Conselho Internacional em Paris, no final de maio.

Membro da Rede do Fórum de Autoridades Locais pela Inclusão Social e a Democracia.

FSM Dakar: entre a necessidade e a realidade

O Fórum Social Mundial 2011, realizado em Dakar, apresentou uma debilidade política importante. Apesar de as revoltas sociais na Tunísia e no Egito terem uma presença transversal e estarem muito presentes no cotidiano dos ativistas que estavam na expectativa sobre a queda de Mubarak, estes processos revolucionários no norte da África não tiveram uma centralidade política à altura do que significam tanto para o continente como em nível mundial. As lições do levante do povo tunisiano e do povo egípcio deveriam ter sido o leitmotiv deste Fórum Social Mundial. O artigo é de Esther Vivas.

Esther Vivas – Rebelión

O Fórum Social Mundial (FSM) concluiu sua última edição em Dakar (Senegal). Cerca de 75 mil pessoas - um número muito importante - ligadas a organizações e movimentos sociais de todo o planeta participaram, de 6 a 11 de fevereiro, de um processo/evento que se afirma imprescindível no marco da atual crise sistêmica, como espaço de encontro e de articulação de redes, mas que mostra também seus limites e debilidades.

A presente edição do FSM foi realizado em um contexto inegável de aprofundamento da crise de caráter estrutural, depois da última edição ter sido realizada em Belém (Brasil), em janeiro de 2009, meses depois do estouro da mesma. A atual conjuntura põe sobre a mesa a urgência de espaços que permitam a coordenação de lutas, avançar em estratégias de ação em escala global e que visualizem que outro mundo é tão necessário quanto possível. >>>

>>> FSM Dakar: entre a necessidade e a realidade

O Fórum Social Mundial cumpriu com o objetivo de se mostrar como uma vitrina, uma praça, das alternativas, um ponto de encontro de uma grande diversidade política e temática de coletivos, majoritariamente africanos e muitos europeus. A presença da América Latina e da Ásia, logicamente, foi mais débil. E ofereceu um espaço indispensável para a urgente organização das resistências coletivas que tiveram sua máxima visualização nas quase quarenta assembleias de convergências de grupos, redes e coletivos realizadas e, sobretudo, na multitudinária Assembleia dos Movimentos Sociais, com mais de 3 mil participantes, e que se converteu em uma das atividades centrais e mais visíveis do Fórum.

Uma Assembleia que refirmou seu compromisso com o combate contra o capitalismo e que aprovou um calendário de mobilização com as datas centrais de 20 de março, quando será realizada uma jornada internacional de solidariedade com as revoluções no mundo árabe, e 12 de outubro, como dia de ação global contra o capitalismo. Além disso, a geração de espaços de trabalho e confluência antes e durante o FSM permitiram também o encontro, o debate e a coordenação de redes e organizações.



Em Dakar vimos desde grandes conferências do movimento altermundista até pequenas oficiais e lutas anônimas, todas elas imprescindíveis neste complexo combate por “outro mundo possível”. As pequenas manifestações e propostas improvisadas que percorreram o campus da Universidade Cheikh Antha Diop, onde ocorreu o evento, expressaram a necessidade de vincular ação e reflexão. A chamada “aldeia dos movimentos sociais”, com tendas de mulheres, camponeses, produtores, imigrantes, etc., foi um dos espaços que melhor funcionaram com atividades, restaurantes populares e serviços “non stop”.

O FSM em Dakar foi também um passo adiante muito importante em relação à última edição do Fórum Social Mundial na África, em Nairobi, em janeiro de 2007. Se aquela, podemos afirmar, foi a edição mais controversa do FSM com entradas a um preço inacessível para a população local, patrocínio de multinacionais, etc., a edição senegalesa não repetiu tais erros e o perfil geral do Fórum foi combativo.

O processo de construção do FSM Dakar contou com o trabalho e o esforço que algumas redes, como o CADTM África, entre outras, realizaram para mobilizar coletivos sociais de base da África Ocidental e da capital senegalesa. Neste sentido, foi organizada uma caravana, nos dias prévios ao evento, que percorreu vários países da região, divulgando o processo e agregando novos participantes ao evento, dinamizando atividades ligadas ao FSM como concertos e outras atrações, nos bairros periféricos e mais pobres de Dakar.

O Fórum Social Africano, por sua parte, a versão regional do Fórum Social Mundial e um ator importante em sua organização, conta com uma sobre representação de ONGs do continente em detrimento de redes e movimentos sociais, muito fracos na região, o que explicaria, em parte, que estes tivessem uma menor presença em Dakar.

Uma situação que se repete no Conselho Internacional, organismo de direção do FSM, com um desequilíbrio importante entre ONGs e redes sociais, que nos últimos anos têm diminuído seu perfil e presença no Conselho e, conseqüentemente, sua influência. Se considerarmos que o Fórum Social Mundial será útil desde que sirva aos interesses destes movimentos e aos processos de transformação sócio-políticos, sua perda de influência deveria ser um elemento a se levar em conta.

Em nível organizativo, a presente edição mostrou debilidades importantes. Começando pelo caos organizativo vivenciado no primeiro dia do FSM, quando as atividades previstas não traziam as salas assinaladas e se desconhecia onde se organizavam as mesmas, problema que prosseguiu, ainda que em menor escala, durante todo o evento. Outro problema foi a falta de um programa facilmente acessível com as atividades diárias. Outro ainda foi o preço da comida, muito superior ao praticado localmente, o que despertou fortes críticas, sobretudo entre os participantes africanos. >>>

>>> FSM Dakar: entre a necessidade e a realidade

Segundo explicaram os organizadores, o caos inicial se deveu ao fato de que o governo substituiu o reitor com quem tinham sido estabelecidos os acordos de cessão de salas de aulas e o novo dirigente não reconheceu os mesmos, não deixou espaços livres nem suspendeu as aulas, conforme havia sido acordado. Em consequência, os organizadores que tinham atividades previstas tiveram que alugar novos espaços na cidade ou ocupar tendas ou salas vazias na universidade.

Desde modo, o FSM foi realizado em uma universidade repleta de estudantes que inicialmente olhavam com receio aos altermundistas que ocupavam seu recinto, já que ninguém havia lhes informado do encontro. Depois vários destes mesmos estudantes acabaram se somando ao Fórum e inclusive alguns, como o chamado movimento de estudantes “não orientados”, segregados por suas origens humildes e que lutam pelo acesso a uma universidade teoricamente pública, mas na prática não acessível a todo mundo, se somaram ao evento com seu protesto.

No plano político, é necessário assinalar o boicote sistemático às atividades do povo saharai realizado por uma parte da delegação marroquina, financiada diretamente pelo governo do Marrocos, e integrada, como denunciaram membros do CADTM e do ATTAC Marrocos, por pessoas que não tinham nada a ver com coletivos e movimentos sociais. Agressões, insultos e boicote aos seminários e intervenções dos participantes saharauis foram a estratégia adotada. Vários participantes do FSM denunciaram os fatos e organizaram uma manifestação improvisada no campus da universidade, onde participaram vários membros do CADTM e do ATTAC Marrocos que denunciaram a má imagem que estas práticas estavam dando aqueles participantes e organizações sociais marroquinas que nada tinham a ver com estes fatos. Frente a esses acontecimentos, um posicionamento enérgico do Comitê Organizador do FSM seria mais do que necessário.

Outra debilidade política a assinalar foi que, apesar de as revoltas sociais na Tunísia e no Egito terem uma presença transversal e estarem muito presentes no cotidiano dos ativistas que estavam na expectativa sobre a queda de Mubarak, estes processos revolucionários no norte da África não tiveram uma centralidade política à altura do que significam tanto para o continente como em nível mundial. As lições do levante do povo tunisiano e do povo egípcio deveriam ter sido o leitmotiv deste Fórum Social Mundial.

Mas, em geral, os limites do FSM são também os limites do período, de dificuldade para transcender os núcleos ativistas e chegar a novos atores sociais. O Fórum passou praticamente em branco pela cidade de Dakar.

Em nível internacional, a falta de uma dinâmica de mobilização que que faça o movimento andar para a frente é uma das grandes debilidades que enfrenta o processo do FSM ao apresentar-se como um espaço de referência, plural e diverso, em contexto no qual não ocorrem protestos importantes coordenados em escala global. Com o que, a falta de pressão vinda das bases, da ação, poderia empurrar o Fórum para posições mais institucionais. O FSM já não tem a centralidade que teve em seu início, na fase do ascenso do movimento altermundista, ainda que sua importância seja importante como um marco geral de trabalho e encontro, sempre e quando se mantenha em sintonia com as lutas sociais.

Outros debates e contradições desafiam o Fórum Social Mundial: como integrar e/ou visualizar os processos de resistência em escala global com um encontro das características do FSM? Como manter este espaço como uma referência útil para a transformação política e social em um contexto carente de vitórias concretas? O viés entre necessidade e realidade é ainda muito grande.

O Fórum Social Mundial se situa em um frágil equilíbrio entre o global e o local, entre ONGs e movimentos sociais, entre institucionalização e autogestão, etc. Trata-se de uma tensão constante. Nairobi, em 2007, nos mostrou a pior cara do FSM; Mumbai, em 2004, uma das melhores. A chave é não esquecer a quem e para que serve o Fórum Social Mundial: um contraponto que deveria ser incompatível com o capitalismo global.

(*) Participante do Fórum Social Mundial 2011, em Dakar.